APRESENTAÇÃO

Este número especial da Revista *Working Papers em Linguística* é constituído por trabalhos desenvolvidos na área de Sociolinguística e Dialectologia, vinculados à linha de pesquisa *Variação/mudança linguística* do Programa de Pós-Graduação em Linguística. A maioria dos artigos aqui apresentados resulta de pesquisas inéditas realizadas ao longo de disciplinas da área oferecidas tanto na Universidade Federal de Santa Catarina como na Universidade Federal do Amazonas – DINTER, no âmbito desse Programa de Pós-Graduação. Outros trabalhos são vinculados ao projeto de extensão *Variação linguística e ensino de gramática nas escolas do Ensino Fundamental: um estudo do paradigma pronominal*, que integra graduação e pós-graduação, coordenado pela professora Izete Lehmkuhl Coelho.

A Teoria da Variação e Mudança, abordagem que orienta os artigos deste número, foi proposta por Weinreich, Labov e Herzog na obra *Empirical foundations for a theory of language change*, publicada em 1968, e consolidada em inúmeros trabalhos de Labov, e outros autores, desde então. Esse ramo da Sociolinguística se ocupa do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. Algumas das premissas postuladas são as seguintes: (i) as línguas são sistemas heterogêneos, o que vale dizer que a variação é inerente ao sistema linguístico (entendendo-se por variação o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial); (ii) a língua comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis; (iii) o falante tem competência (sócio)linguística para lidar com regras variáveis; (iv) explicações para as escolhas dos falantes por uma ou outra variante linguística (formas de realização de um fenômeno variável) são buscadas pelo controle de fatores condicionadores linguísticos e extralinguísticos (variáveis independentes); (v) a natureza do sistema é probabilística, o que pressupõe o emprego de técnicas quantitativas para a observação das regularidades que o regem. A partir desses postulados teóricos, a Teoria da Variação e Mudança fornece um instrumental metodológico que permite analisar e sistematizar os fenômenos de variação e mudança linguística.

Na UFSC, temos o Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), que conta com um banco de dados de fala urbana de informantes da Região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) do país, para o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas. Além da amostra base, há no projeto VARSUL amostras de fala de informantes de zonas não urbanas de Florianópolis, coletadas por Brescancini, Valle e Monguilhott (desde o final da década de 1990) para seus trabalhos de mestrado e doutorado. Parte dessas amostras está hoje reunida no site do VARSUL (www.varsul.org.ufsc.br), elaborado com recursos do projeto *Amostra digital VARSUL* (cf. edital Universal MCT/CNPq 14/2008 - Processo número 475106/2008 3). O banco de dados de amostras não urbanas vem sendo complementado desde 2009 por alunos do curso de pós-graduação em Linguística da UFSC. Alguns trabalhos apresentados nesta Revista seguiram os passos da metodologia de coleta não urbana usada por Monguilhott, com o

acréscimo de amostras de fala de informantes da Costa da Lagoa, Ratonos e Santo Antônio de Lisboa.

Feita esta breve introdução, passemos agora à descrição dos nove artigos que compõem esta Revista. Os três primeiros tratam de variação na fonologia. O primeiro, *Uso variável das oclusivas alveolares /t, d/ em Florianópolis*, escrito por Eva Christina O. Dias constitui-se em um estudo sociolinguístico da variação dos segmentos fonológicos /t, d/ quando se realizam foneticamente diante de vogal alta posterior [u] na região de Florianópolis. As variantes concorrentes são as oclusivas alveolares [t, d] e as aspiradas [t^h, d^h]. O trabalho investiga essa variação linguística, com destaque para a aspiração, cujo fenômeno não está previsto no inventário fonético do português brasileiro. Constata-se, a partir da análise dos dados, que existe variação entre a oclusiva não-aspirada e a aspirada, sobretudo em contexto diante de pausa. O artigo *Reflexões sobre a lateral posvocálica na fala da comunidade de Santo Antonio de Lisboa*, de Lillian Elisa Minikel Brod, põe em foco o comportamento do segmento lateral posvocálico na comunidade de Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis/SC. Os dados foram coletados de entrevistas realizadas com oito informantes dessa comunidade. Os resultados obtidos apontam indícios de mudança linguística em progresso, com frequência mais baixa da variante vocalizada nas faixas mais velhas e frequência mais alta de vocalização nas faixas mais jovens. O terceiro artigo desse conjunto, *A palatalização do /s/ em coda silábica no português falado na Costa da Lagoa em Florianópolis*, de Gabriela Šmaiclová, traz uma discussão sobre o fenômeno da palatalização do /s/ em coda silábica. As hipóteses foram levantadas principalmente com base nos estudos de Brescancini (1996) sobre a palatalização do /s/ em posição de coda silábica em outras regiões do município de Florianópolis.

O quarto e quinto artigos abrem uma discussão sobre variação na morfossintaxe, com temas que envolvem variação na concordância nominal e verbal. Flávia Santos Martins, em *Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de Benjamin Constant*, investiga a variação na concordância nominal de número no falar desses habitantes. Para realização dessa pesquisa foram controlados de forma sistemática os seguintes grupos de fatores independentes: extralinguísticos – a idade, o sexo, a escolaridade e o nível de formalidade, na busca de um melhor conhecimento sociocultural da área pesquisada; e linguísticos – a saliência fônica, a posição, a classe gramatical e o contexto seguinte. Os dados de elocução livre analisados mostram que os falantes do município investigado utilizam mais a não-concordância, variante considerada não-padrão e inovadora (57%). A análise de grupos de fatores condicionantes corrobora resultados de pesquisas anteriores quanto à posição do elemento no sintagma nominal, a saliência fônica, o contexto seguinte, o sexo e a faixa etária. O artigo de Lidiomar José Mascarello, *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos nativos na Costa da Lagoa*, também ratifica resultados de estudos anteriores. O autor, investigando uma amostra de 400 dados, encontra 68% de marcação e 32% de não marcação de concordância verbal. Em relação às variáveis sociais discutidas, a faixa etária dos informantes e a escolaridade se mostram condicionadoras da marcação de concordância. No que se refere às variáveis linguísticas investigadas, foram significativas: saliência fônica, posição do sujeito e animacidade.

Outros dois trabalhos também investigam a variação na morfossintaxe, a partir da observação da alternância entre pronomes de segunda pessoa do singular (*tu* e *você*) e de primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*). O artigo de Patrícia Graciela da Rocha, *A variação dos pronomes de segunda pessoa na língua falada da comunidade de Ratoles e de Santo Antônio de Lisboa – uma abordagem sociolinguística variacionista*, traz uma discussão sobre a alternância entre os pronomes *tu* e *você*, bem como sobre a variação na concordância verbal com o *tu* (*tu foste/fosse/foi*) na língua falada não urbana de duas comunidades florianopolitanas. Os resultados mostram que na comunidade investigada o pronome *tu* é a forma mais utilizada e vem preferencialmente combinada com verbo na terceira pessoa do singular (*tu foi*). O artigo de Marizete Bortolanza Spessatto sobre *Formas linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa* verifica se o emprego de *a gente* no vernáculo está se tornando comum mesmo entre grupos etários mais velhos e em contextos geográficos mais isolados, como é o caso da Costa da Lagoa, uma comunidade da ilha de Florianópolis/SC à qual se chega apenas a pé ou de barco. A pesquisa põe foco, principalmente, na interferência de fatores sociais com relação à utilização da forma inovadora na fala espontânea.

O oitavo artigo desta Revista, *O preenchimento do sujeito pronominal em textos escritos de alunos do ensino fundamental de Florianópolis*, de Christiane Maria Nunes de Souza, Ana Kelly Borba da Silva Brustolin, Patricia Floriani Sachet e Izete Lehmkuhl Coelho, investiga amostras de textos de alunos de escolas públicas de Florianópolis coletadas como parte do projeto de extensão *Variação linguística e ensino de gramática nas escolas do Ensino Fundamental: um estudo do paradigma pronominal*. A distribuição do número de sujeitos nulos e sujeitos realizados (ambos pronominais) em textos escritos de alunos adolescentes da amostra leva em consideração o controle das variáveis: pessoa do discurso, forma de realização do pronome, concordância verbal, sexo/gênero e escolaridade. Os resultados estatísticos atestam estudos anteriores no sentido de mostrar uma tendência ao preenchimento do sujeito pronominal, motivada tanto por fatores linguísticos (formas de realização do pronome e concordância) como extralinguísticos (escolaridade).

Por último, o trabalho de Aline Ferreira Lira, Lourdes de Fátima Moraes de Souza e Nelson Fontoura de Melo, *A variação no uso das formas de tratamento tu e vm^{ce} /você em Manaus na segunda metade do século XIX*, faz uma análise da variação de *tu* e *Vm^{ce} /você* em cartas comerciais da empresa J.G. Araújo, em Manaus, na segunda metade do século XIX, abrangendo um período de quatorze anos, de 1879 a 1893. O trabalho, embora preliminar, apresenta resultados significativos com relação à alternância de *tu* e *Vm^{ce} /você*. A análise das cartas permitiu observar a importância do acervo da empresa J.G. Araújo, pertencente à Universidade Federal do Amazonas, para a pesquisa em sociolinguística, particularmente a variacionista, e aponta para a necessidade de estudos sincrônicos e diacrônicos para que se tenha um panorama da variação e mudança tanto em tempo aparente quanto em tempo real na cidade de Manaus.

Esperamos que este número temático da Revista possa contribuir para fomentar discussões e propiciar novas pesquisas na área da sociolinguística variacionista. Gostaríamos de agradecer aos autores que enviaram seus trabalhos, aos pareceristas *ad hoc*, pelas

significativas sugestões, e ao programa de Pós-Graduação em Linguística, por oportunizar esta publicação.

Izete Lehmkuhl Coelho
Edair Maria Görski
Izabel Christine Seara
Isabel Monguilhott

Organizadoras